**Uma imagem contendo tijolo, edifício, material de construção, chão

Descrição gerada automaticamente**

**Difícil é o nosso caminhar, mas possível é a nossa salvação.**

**Trigésimo terceiro domingo do Tempo Comum**

**17.11.2019**

Irmãs e irmãos amados, que a paz do Senhor esteja com vocês!

Cristo Jesus, como já vimos anteriormente, já se encontra em Jerusalém, vivenciando diversos enfrentamentos com líderes religiosos judaicos, por meio de debates e respondendo a inúmeras provocações a Ele direcionadas, oportunidades dadas ao povo para refletirem sobre a mensagem trazida por Jesus, possibilitando sua revisão de vida e consequente conversão, acolhendo, assim, a salvação oferecida. Porém, associada a oportunidade apresentada aos ouvintes do Mestre, acirrava-se, cada vez mais, sua rejeição pelos líderes judaicos, que se opunham, drasticamente à sua proposta de vida.

No Evangelho de hoje, Lucas nos traz o início do trecho evangélico denominado de “O sermão profético de Jesus”, ou de “Discurso Escatológico do Senhor”, com uma sequência de exortações envolvendo a destruição do Tempo de Jerusalém, seguida da descrição dos sinais precursores de tal acontecimento, cujos versículos compõem o que é chamado de “o princípio das dores”; o cerco de Jerusalém; a grande tribulação com a menção de catástrofes; a gloriosa vinda do Filho do Homem e culmina com a parábola da figueira e a indispensável vigilância permanente de seus seguidores. Após esta sequência, é-nos narrado o ocorrido nos últimos dias de Jesus.

Vamos nos ater nesta reflexão, porém, a parte que nos traz a profecia de Jesus referente à destruição do tempo e aos sinais precursores. Para tanto, convidamos todos a todas vocês à reflexão compartilhada sobre o texto de hoje.

5Como alguns diziam a respeito do Templo que era ornado de belas pedras e de ofertas votivas, ele disse: 6“Estais contemplando essas coisas... Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida!” 7Perguntaram-lhe então: “Quando será isso, Mestre, e qual o sinal de que essas coisas estarão para acontecer?” 8Respondeu: “Atenção para não serdes enganados, pois muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou eu!’ e ainda: ‘O tempo está próximo!’ Não os sigais! 9Quando ouvirdes falar de guerras e subversões, não vos atemorizeis; pois é preciso que primeiro aconteça isso, mas não será logo o fim”. 10Disse-lhes então: “Levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. 11E haverá grandes terremotos e pestes e fomes em todos os lugares; aparecerão fenômenos pavorosos e grandes sinais vindos do céu. 12Antes de tudo isso, porém, hão de vos prender, de vos perseguir, de vos entregar às sinagogas e às prisões, de vos conduzir a reis e governadores por causa do meu nome, 13e isso vos será ocasião de testemunho. 14Tende presente em vossos corações não premeditar vossa defesa; 15pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais nenhum de vossos adversários poderá resistir, nem contradizer. 16Sereis traídos até por vosso pai e mãe, irmãos, parentes, amigos, e farão morrer pessoas do vosso meio, 17e sereis odiados de todos por causa de meu nome. 18Mas nem um só cabelo de vossa cabeça se perderá. 19É pela perseverança que mantereis vossas vidas!” (Lc 21,5-19)

Na época do ministério de Jesus, período em que esteva entre nós em sua natureza humana, o templo de Jerusalém, segundo relatos, era uma das mais impressionantes construções da humanidade, mesmo que muitos historiadores o descrevam como uma imponente edificação anexa ao palácio real. Existem narrativas que referem como componentes de sua construção grandes blocos maciços de pedra e, em boa parte de seu interior, ornamentos com detalhes de ouro, com alguns de seus setores edificados com pedras de mármore branco. Algumas narrativas históricas apontam o complexo que o compunha com um inenarrável esplendor e de beleza espetacular, pelo menos para os padrões locais, à época. Tal realidade justifica a admiração dos discípulos de Jesus e sua observação quanto a magnífica construção, simbolizando, para muitos, toda a grandiosidade do Deus a ser adorado. Ocorre que, no ano 70 d.C. os romanos ao saquearem Jerusalém e matarem centenas de milhares de judeus, também destruíram o Tempo, não deixando “pedra sobre pedra”, cumprindo a afirmação de Jesus no trecho evangélico de hoje, mantendo-se, apenas, as enormes pedras de sua fundação que não faziam parte do edifício principal e serviam tão somente de base para os muros de arrimo da parte inferior do monte do templo, cuja porção é chamada ainda hoje de Muro das Lamentações. O general Tito, romano responsável pela destruição da cidade, seguindo determinações reais, empilhou uma quantidade enorme de madeira por sobre grandes andaimes construídos ao redor do templo, de onde foi ateado fogo na edificação religiosa até que fosse reduzida a escombros, dos quais, após serem revirados, foi recolhido todo o ouro derretido que lá se encontrava. Porém, em sua fala, hoje em foco, estaria Jesus referindo-se apenas à exuberante construção quando descrevia a destruição do Templo? Sua antevisão estaria direcionada especifica e exclusivamente à destruição física de um templo religioso, por mais grandioso que possa ter sido?

O discurso escatológico de Jesus narrado por Lucas e pelos demais evangelistas sinópticos traz-nos uma apresentação teológica descortinando três momentos da história da salvação: a destruição de Jerusalém, o tempo da missão dos verdadeiros discípulos de Jesus, apontada como a missão da Igreja e, por fim, a vinda do Filho do Homem, completando, assim, o chamado “tempo da Igreja” e trazendo a plenitude do “Reino de Deus”.

Amadas e amados irmãos, para nossa melhor compreensão do texto em tela, faz-se necessário, primeiramente, trazermos à tona o estilo apocalíptico utilizado à época de Cristo, na verdade já usado anteriormente pelos profetas, lançando mão de imagens fantásticas, fenômenos grandiosos, tais como catástrofes cósmicas e sinais do céu (v. 11), anunciando o final do mundo juntamente com o divino juízo. Ocorre que, para os judeus, a destruição de Jerusalém e do Templo lá edificado caracterizava-se como o próprio final dos tempos, pois configura, em si, o sinal da catástrofe advinda com o fim do mundo. Porém, de tão terrível que a imagem se reveste, imediatamente suscita a curiosidade e o temor de sua ocorrência, gerando, então, o questionamento pelos discípulos presentes sobre quando aconteceria tamanha hecatombe e “*qual o sinal de que essas coisas estarão para acontecer*” (v. 7).

Em que pese Jesus não se posicionar como um vidente ou adivinho da calamidade em foco, destaca importantes e trágicas situações que a antecederão, sendo mencionadas, não para gerar temor nos ouvintes, mas sim para estimular a cautela permanente, a confiança no poder divino e o devido preparo de seus seguidores para o enfrentamento das dificuldades cotidianos que hão de surgir, evitando desânimos, temores e enganos (v. 8-9), os quais precederão a finitude anunciada. Não que tais adversidades estabeleçam proximidade com o final dos tempos, mas que teremos de vive-las, de enfrentá-las e superá-las enquanto estivermos neste mundo, o tempo que for necessário para o nosso devido preparo, para a nossa adequada evolução espiritual.

Na perspectiva profética judaica, a salvação de Deus deve precipitar-se em Jerusalém, sendo também o lugar para onde todos os povos seguirão visando o acesso a tal salvação. Porém, ao longo do ministério de Jesus e mesmo após sua partida, humanamente falando, Jerusalém recusa-se a realizar o mencionado papel, levando, assim, a sua destruição, juntamente com o Templo, significando ter deixado de ser o lugar exclusivo e definitivo da salvação. Pelo exposto, a destruição do Templo não é algo meramente físico, refere-se, não apenas a sua edificação, mas aponta para a universalidade da Boa Nova de Jesus, não se limitando ao povo de Israel, indo ao encontro de todos os povos de todos os tempos. Dá-se início, assim, a uma nova fase da história da salvação, começando ao que se chama de o “tempo da Igreja”, quando a comunidade dos discípulos testemunha a salvação, caminhando na história, a todos os povos, sem que existam escolhidos ou excluídos aprioristicamente.

Entretanto, fica evidente que sermos discípulo de Jesus, seguirmos seus passos, mantermo-nos em sua trilha que aponta ao amor incondicional, à entrega, à partilha e ao desapego das coisas deste mundo, levar-nos-á a um caminhar turbulento, a conflitos permanentes, a perseguições incansáveis, inclusive por parte de pessoas próximas e ligadas a nós por parentesco (v. 16-17). Abraçar a proposta trazida por Jesus, com vistas à construção do Reino em nosso meio, não é algo que gere benefícios mundanos, tampouco alegria e adesão automática de quem estiver próximo, pelo contrário, leva a violentos conflitos, desentendimentos e incompreensões. Todos sabemos que a luta contra o mal, a injustiça, a ganância, o desamor e a ira, tão fortemente presentes neste mundo, parece ser quase uma luta inglória, necessitando, para seu adequado enfrentamento, da força, discernimento e perseverança que somente o Santo Espírito pode nos fornecer. Eis o necessário fortalecimento da fé apontado por Jesus, ao exortar seus discípulos, presentes e futuros, para a preparação devida, com vistas à evolução espiritual durante nossa caminhada neste mundo.

Atentemo-nos, assim, ao que nos cabe nesse caminhar evolutivo, pois, apesar do fortalecimento divino, precisamos nos manter firmes para não sermos enganados (v. 8), para não nos alarmarmos (v. 9), para darmos testemunho do Deus vivo que em nós habita (v. 12-13) e para perseverarmos em nossa luta de forma contínua (v. 19).

Devemos manter, permanentemente, a santidade (a iluminação ou a auto-realização) no horizonte contemplativo de nossa caminhada humana encarnada, para que, em nós, a esperança esteja sempre viva e o amor sempre crescente, nutrindo-nos e fortalecendo-nos para o corajoso enfrentamento das adversidades cotidianas, com vistas ao advento do Reino. Jamais nos esqueçamos que, na condição de discípulos de Cristo Jesus, seus verdadeiros seguidores, somos chamados a nos comprometermos com a transformação do mundo, fazendo com que a velha realidade seja substituída pelo Reino dos céus em nosso meio. Lembremo-nos, sempre, que o caminho para o qual somos convidados a percorrer será repleto de dificuldades, ilusões e perseguições, mas, com a força divina em nós plenificada, o êxito será possível de ser atingido, basta que assim optemos e lutemos para tanto.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton